

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Armando Francisco Poles

Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêia Netto

São José do Rio Preto/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Jurema Rodrigues / Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêia Neto

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Elaboração do roteiro da pesquisa:

Local da entrevista: residência do colaborador

Data: 7 de março de 2020

Técnico de gravação: Victor Antônio de Lima, aluno da 1ª série do curso Técnico em Mecatrônica Integrado ao Ensino Médio, de 2020

Duração: 37 minutos e 56 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Jurema Rodrigues

Número de páginas: 11

Sinopse da entrevista

Para compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, realizou-se entrevista com um ex-diretor para compor o acervo do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêia Netto. A seguir, duas fotografias tiradas no dia da entrevista, em 7 de março de 2020, com o colaborador em seu apartamento em São José do Rio Preto/SP:



Professores Armando Francisco Poles e Jurema Rodrigues, em São José do Rio Preto, em 7 de março de 2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 23 a 26 de abril de 2021

Nomes das transcritoras: Jurema Rodrigues, com o auxílio da aluna Mariana Viana Santos, da 1ª série do curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio de 2020,

JR (Jurema Rodrigues): Trabalho de História Oral do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Entrevista com a professor Armando Francisco Poles, no apartamento do entrevistado, no dia sete de março de 2020, às 9 horas. O professor foi diretor efetivo, no período no período de 4 de março de 1976 a 25 de julho de 1985, quando deixou o cargo.

JR: Bom dia professor Armando Francisco Poles.

AFP (Armando Francisco Poles): Bom dia, professora!

JR: Faça um breve comentário sobre sua vida profissional, formação acadêmica e a profissão docente e administrativa na Instituição, que na época tinha outra denominação. Na época, era Centro Estadual Interescolar “Philadelpho Gouvêa Netto”.

AFP: Muito bem, eu fiz estudos fundamentais, eu fiz uma parte fora de Rio Preto, e outra parte no Instituto Educação Monsenhor Gonçalves. Fiz no Monsenhor Gonçalves, o curso Normal na época, até o curso normal. Posteriormente, fiz Pedagogia na então FAFI, hoje Ibilce Unesp, aqui em São José do Rio Preto, me formei em 1967. Posteriormente, eu fiz curso de Matemática, que não cheguei a terminar, porque ingressei, em 1972, como diretor efetivo em Taquaritinga. Sobre a vida profissional mais alguma?

JR: É, depois o senhor foi para o Philadelpho?

AFP: Taquaritinga. Bom, depois me removi de Taquaritinga, e quando em 76, houve a reestruturação da Rede Física do Estado de São Paulo, eu era diretor da escola, hoje, Aureliano Mendonça, no Jardim Urano. E a minha escola desapareceu, em função da Rede Física, e eu fiquei adido, eu fiquei adido durante um certo tempo, até que houve a relotação dos adidos, que na época eram eu e uma, Beltran, que era diretora do Anexo do Monsenhor

Gonçalves, Anexo do primário do Monsenhor Gonçalves. Eu escolhi a escola Philadelpho por achar que a escola tinha, teria uma projeção futura muito importante. Na época, praticamente não era nada, porque nem casa tinha. Funcionava na época, na Avenida Brigadeiro Faria Lima, no Anexo do Hospital de Base, onde hoje é o ambulatório do Hospital de Base, ali funcionou, funcionava tanto o Ginásio da época, o Ginásio Industrial, como o Colégio Técnico.

JR: Enquanto isso, o prédio novo estava sendo construído.

AFP: O prédio novo estava sendo construído, acompanhei toda a construção do prédio no Governo do Doutor Wilson Romano Calil, e quem acompanhava muito a construção do prédio. Na época, era o Doutor Raul de Aguiar, que era o vice-prefeito, era o entusiasta da escola, o vereador, então vereador, Barbar Cury, o Clemente Pezarini, eram grandes incentivadores da escola, e pessoas que me ajudaram bastante também em certas ocasiões da escola. A escola teve muitos problemas de instalação né, instalação inicial, mas tivemos sempre muita gente pra ajudar.

JR: Inclusive têm fotos né, no nosso acervo, o senhor com o senhor Raul, visitando a construção, depois até o Governador, na visita da construção, antes da inauguração.

AFP: Não, o governador?

JR: Não governador só na inauguração, desculpa.

AFP: Já estava funcionando a escola no momento, na ocasião.

JR: Ah, certo. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre essa mudança da Rede Física, o que gerou, né, para os professores? Não só do Philadelpho, mas no sentido geral para os professores e para os alunos. Por exemplo, os alunos que eram do Ginásio, o que aconteceu com eles? Para onde foram?

AFP: Na verdade, eu não tenho esse dado. O Chafic que poderia informar bem melhor isso aí, porque quando eu assumi o Philadelpho essa história toda já estava consolidada, e então, os alunos do Ginásio eu não sei para onde foram, os do Colégio permaneceram sim, permaneceram como estavam. Estivemos aí ainda algum tempo funcionando lá nas instalações do Hospital de Base, mas o que foi feito, exatamente, com os alunos do Ginásio Industrial, eu não tenho muita informação não.

JR: Mas de forma geral, assim, como as pessoas receberam essa mudança da Rede Física?

AFP: É uma época muito tumultuada, muito pouca informação precisa, sim, exatamente o que estava acontecendo e o que ia acontecer. Então, as coisas aconteciam da noite pro dia, quase, que, claro em toda mudança em toda informação, há sempre problemas positivos e problemas negativos, eu acho que na época, de positivos não houve muitos assim, porque a escola ficou a partir de então bastante abandonada, certo? No sentido de que não se sabia qual era o destino que a escola iria ter. Havia muitas tendências, muita gente querendo, porque na época havia assim um, nessa época de 76, havia uma dicotomia de posicionamentos políticos e filosóficos. Uns só achavam que o Ensino Técnico era a formação do futuro; outros achavam que a formação de técnica era, vamos dizer assim, um meio de se obter mão de obra barata para a empresa. Na verdade, nenhuma das duas coisas se confirmaram certo? Hoje, quem é dono da verdade é o Ensino Técnico, certo? E pra isso nós quando assumimos lá, conseguimos manter a perspectiva de o Ensino Técnico ser algo de muito importante para a formação da juventude. E tivemos muitos problemas e percalços nesse sentido, mas a equipe que se formou lá, que estava e acabou se formando na escola Philadelpho Gouvêa Netto, acreditava na escola, e nos ajudou bastante a manter aquela

chama de entusiasmo. Eu cito alguns, acho que por dever de direitos deles, de citar o Cecconi, professor Arnaldo Cecconi. Posteriormente, e na época também o José Wilson Ribeiro, não mais está lá, Henrique Anses, foram pessoas que, aliás Henrique Anses ajudou bastante na instalação de Telecomunicações, e, posteriormente, o Carlos Norton, o Nelson Gonçalves dos Reis. Bom, ... se eu for citar muito, Tina, foram pessoas, assim, sensacionais de um entusiasmo fantástico, fazia Psicologia, Física e Moda, inclusive fez um desfile de modas, então era uma pessoa, assim, que criava ambientes de otimismo.

JR: Aproveitando a deixa do desfile de modas, né? Organizado pela professora Tina, que favoreceu a parte emocional dos alunos, né. Ela trabalha muito nisso, na psicologia junto com a física e, também, nós tivemos pelas fotos, eu vi, vocês fizeram um desfile de 7 de setembro, e que abraçaram a praça. O senhor se lembra?

AFP: Hahaha. Vagamente, mas eu me lembro. Era emocionante, né? Mas eu, eu gostaria de frisar mais uma coisa da Tina.

JR: Pode frisar.

AFP: A Tina, não sei se vocês já têm o registro, ela foi motivo de uma reportagem, na TV Cultura, sobre o método físico dela, o método dela de desenvolvimento da Física. Não sei se vocês têm esse registro, mas isso é importante. Ela foi motivo e foi entrevistada na TV Cultura por esse motivo.

JR: É psicodrama né? Ela trabalhava o grupo, vinculado à física.

AFP: E hoje é moda, é?

JR: E sobre a Festividade da Festa da Primavera, que teve eleição da rainha, das rainhas, das princesas, também vi as fotos.

AFP: Bom, isso também eu devo mais às equipes que funcionavam, hahaha, e eu ficava só de observador quase né, hahaha, eu autorizava, mas tudo bem. Foi nessa festa que foi o plantio das árvores?

JR: Não, não. Das árvores é uma festividade, que foi, pelas fotos, eu vi que foi representante de vários setores, né?

AFP: Menos o prefeito.

JR: Menos o prefeito, hahaha. Quem era o prefeito na época?

AFP: Adail Vettorazzo.

JR: Hahaha. Mas foram representantes, vocês junto com os alunos, fizeram esse plantio.

AFP: Sabe por quê? Na época, no dia, um negócio ímpar, hoje sai na Televisão os caras plantando cem árvores, lá na ponta da vila. Nós plantamos num dia 480 árvores, cada árvore tinha um patrocinador, com uma etiqueta.

JR: O senhor se lembra de alguns?

AFP: Lembro, o José Barbar Cury tinha, Clemente Pezarini tinha, Doutor Raul tinha, e mais cada professor da escola e alunos, cada um era padrinho de uma árvore.

JR: E elas cresceram.

AFP: Cresceram.

JR: E sobre a implantação de curso. Primeiro, em 1977, vocês implantaram o curso Habilitação Profissional Plena de Técnico em Telecomunicações. Como que foi esse processo para implantação?

AFP: Foi uma realização, hahaha, complicada, hahaha, pelo seguinte, ainda estava em toda aquela fase, o Ensino Técnico ainda não tinha casa, porque a Coordenadoria de Ensino Técnico tinha desaparecido, criando um organismo que eu nem lembro mais o nome, e não tinha recursos, recursos, ninguém sabia quem é que orientava ou que desorientava. Então, a Diretoria Regional não se preocupava com o Ensino Técnico, porque inclusive não tinha verba, e então: - Ah, vamos montar? - “Vamos”. “Então vamos”. Eu tinha muitos amigos na antiga Telesp, grandes amigos na CPFL, tudo gente ligada à formação técnica e ao, vamos dizer, ao dia a dia da empregabilidade. Então, eles me ajudaram muito, inclusive...

AFP: - Você sabe como é que instalamos o curso? - A Telesp tinha um PABX antigo, desativado, nos doaram, doaram alguns outros equipamentos. Esse PABX depois, posteriormente, ficou como distribuição do som que foi instalado em todas as salas de aula, mas também, não, instalou, mas não tinha tecnologia pra funcionar, mais ou menos. Estava na, inclusive esse PABX estava na diretoria, mas essa foi praticamente a origem, posteriormente, aliás, o curso de Telecomunicações foi o primeiro curso de Telecomunicações no, praticamente, no Estado de São Paulo. Não tinha, na Rede Oficial não tinha nenhum, e na Particular tinha aquela escola de São José dos Campos, que tinha, que era mais ligada ao ITA, que, é não era uma escola oficial, era uma escola que não sei muito bem o regime, mas era uma escola técnica de primeira, lá em São José dos Campos, voltada para o ITA, para o ITA não, pela Embraer, é?. Qual é ... a fábrica de avião que tem lá? Como é que chama lá?

JR: Eu não lembro, deve ser.

AFP: Aliás, houve também um convênio. Vai perguntar sobre o convênio?

JR: Não, mas pode falar.

AFP: Numa certa ocasião, isso já foi algo mais lá de cima, mais lá na Administração Central..., o.... aquela empresa..., deixa eu ver, que fabricava armas e fabrica até hoje, lá em São José dos Campos, precisava, os caras tinham outras perspectivas, então fizeram um projeto de recrutar no Estado todo, alunos que se destacassem para fazer o curso, lá nessa Escola Técnica de São José dos Campos, com alojamento lá na empresa. Eu estou tentando lembrar o nome da empresa, tenho um primo que foi funcionário dessa empresa. Na época, a ele era, mas hoje não tinha nada com ele. E numa ocasião, nós fomos convidados por essa empresa, de visitar as instalações que eles estavam montando, então tivemos lá, lá na sede da empresa que era no meio das montanhas, fábrica de armas, tudo escondido lá, mas eram instalações fantásticas. Os alunos moravam lá e estudavam nessa Etec de São José dos Campos. Então houve uma grande movimentação no Estado todo de alunos, que estavam buscando cabeça mesmo, e de Rio Preto foram muitos, nós tínhamos a responsabilidade de selecionar aqui na região, mas esse projeto não durou muito, porque logo em seguida, na época tinha a Guerra do Irã e Iraque, e o Brasil por essa empresa fornecia muito material bélico pra eles, e a empresa não recebeu as entregas que fez e entrou quase que a falência, e com isso todo o projeto acabou, certo? Mas o projeto era belíssimo. Eles davam toda a infraestrutura para os alunos, alojamento, comida, transporte.

JR: E o Philadelpho participou?

AFP: O Philadelpho, na verdade não foi bem o Philadelpho, o Philadelpho participou como fornecedor de cabeças, de alunos, mas a Divisão, na época, já estava com o Clóvis na Divisão.

JR: O senhor já estava afastado na Divisão.

AFP: Já, já estava afastado na Divisão, e através da Divisão que nós fazíamos isso aí. Mas sobre certos aspectos tinha um relacionamento com o Philadelpho, porque foi é, dentro de uma filosofia que hoje, hahaha, seria aplaudida com méritos, mas foi difícil.

JR: Como que foi o envolvimento da Instituição na participação daquela Caravana que foi para Brasília em prol do Curso de Telecomunicações? Inclusive um aluno nosso, o Carlos Dosualdo representou a escola. O senhor se lembra?

AFP: Não lembro muito bem não, mas foram.

JR: Foram falar com o Presidente Figueiredo.

AFP: É eu não estou muito lembrado da história não, viu.

JR: Ah, tudo bem.

AFP: Espera lá, espera, não.... 76, hehehe.

JR: É por volta desses anos aí, mas tudo bem.

AFP: É eu sei que houve muitos impedimentos. Ah!, vamos dizer assim, a Rede Educacional do Estado de São Paulo eu não podia contar com nada, certo? Porque eles tinham, na época, tinham outros objetivos, o objetivo era do Ensino Médio formar para a Faculdade, era esse o objetivo. E a escola não formava Faculdade a despeito de muitos, e muitos e muitos alunos saírem do Philadelpho e irem diretamente pra Faculdade, inclusive pra Medicina, eu tenho um registro de alunos.

JR: E também a implantação do curso Técnico em Eletromecânica. O senhor também participou, em 78.

AFP: É isso aí já foi um pouquinho, meio aventureiro, assim, que não deu muito certo não, né. Tinha, pra isso tinha os equipamentos, e inclusive alguns equipamentos já ociosos né? A escola tinha muitos equipamentos ociosos. Eu acho que tem que fazer um registro aí sobre o equipamento, deve existir até hoje, um equipamento de rompimento de corpo de prova lá. Esse equipamento ficou encaixotado lá durante muitos anos, e eu resolvi ativá-lo, e eu montei um projeto que demonstrava que, que na época, qualquer obra feita na região toda, que precisasse de constatar a qualidade dos concretos instalados na obra, esses rompimentos eram feitos ou em São Carlos ou em Campinas. Então, as empresas pegavam aqueles coisinhas de concreto e mandavam pra lá, ficava caro, então nós fizemos junto com a Turma de Edificações, nessa época, acho que já o Norton tava por lá, acho que sim. Fizemos uma demonstração de que com aquela máquina funcionando, e montando-se uma estrutura e atendimento da região, aquela máquina por si só pagaria todo o gasto da escola, a escola seria autossuficiente só com aquela máquina. Mandamos instalar, instalamos, mas não fizemos o projeto e não foi autorizado, porque não fazia parte dos propósitos governamentais, isto é, da Legislação Governamental não podia explorar, vamos dizer assim, como até hoje, as faculdades não podem fazer muita coisa, as universidades, mas as universidades eu não

duvido muito. Lá naquela época eu não poderia o prestar serviço e cobrar, e rompimento de corpo de prova por si só manteria a escola, não foi pra frente, não foi porque não havia Legislação que permitisse, mas foi, foi uma experiência muito boa.

JR: E também, mesmo estando na Divisão Regional de Ensino, afastado, teve a implantação do curso Técnico em Qualificação I em Computação, que hoje seria Informática, foi em 1984, o senhor se lembra?

AFP: Aí já era a Carolina, já era a Carolina, né?

JR: É ela pegou, começou na sua gestão um pouquinho, né, mas depois foi pra ela.

AFP: Pois é, a gente tinha essa visão na época, mas era uma visão de visionário, que ninguém dava apoio, na verdade, aquela escola subsistiu não sei como, porque quando, logo após a Rede Física, ou melhor, logo, a subsequência da Rede Física, teve muito trabalho pra transformar a escola em uma escola de Primeiro e Segundo Grau, na época, né. Mas muita gente teve ali, inclusive professor da escola que se candidatou a vereador com essa bandeira: vou instalar na escola o Ensino Fundamental aqui na escola. Felizmente, ou infelizmente, não sei, hahaha, acho que foi felizmente, o Daniel Inocentino não foi eleito, mas o Daniel era um entusiasta de tudo, de matar o Ensino Técnico.

JR: Ele era professor?

AFP: Não faço a menor ideia por onde ele anda, não faço a menor ideia. Ele era professor de Português, uma cabeça.

JR: Ah, não conseguiu?

AFP: Mas que não tinha tamanho, era um professor o seguinte: estava na sala de aula e começasse o sinal a hora que o sinal terminasse, ele já estava na rua. Bom, desculpa...

JR: Não isso... hahaha, mas era uma boa pessoa?

AFP: Não, ele é ex-padre, sabe? Ele era ligado ao Bispo da época, mas tudo bem..., ele era uma pessoa assim que tinha valores intelectuais muito bons, mas visão educacional, bom, restrita né? Não sei, ele tinha, eu tinha a minha, e ele tinha a dele.

JR: Tá certo. O senhor ficou de 1982 a 1988 na Divisão, mesmo assim sempre com o olhar para a Escola Técnica?

AFP: Sim, eu era assessor de Segundo Grau. Então, ainda as Escolas Técnicas ainda estavam sobre a hahaha, Jurisdição.

JR: Da Secretaria da Educação.

AFP: É. Posteriormente, é que nem sei que época foi exatamente pra Paula Souza, isso eu não....

JR: Foi em 93, só em 93.

AFP: Então, só que as escolas que não tinham mais a Coordenadoria do Ensino Técnico, então elas ficaram abandonadas, hoje eu estou vendo a Escola de Monte Aprazível, fazendo experimentos agrícolas lá. Naquela época, ah, falar um negócio desse não tinha nem propósito. Mas na, na época também fizemos um, um trabalho, um trabalho de verificação

dos laboratórios das escolas, é outro problema até hoje aqui, escolas com grandes equipamentos, excelentes equipamentos de laboratório que nenhum aluno entrava, até hoje isso é, não sei. Mas eu fui a certas escolas: - Vocês têm microfone? Ah não, não tem nenhum. Aí eu falei: - O que que é aquelas 4, 5 coisas que têm lá em cima? - Eu não sei, nunca abri a caixa. Mas “sax”, “saxs” de primeiríssimas, que tavam... Bom, por falar em desperdício de equipamento e material, o Estado é pródigo né? O Estado é pródigo de comprar equipamento e jogar no lixo, e houve muitas ocasiões, não só dessas, que determinados secretários da educação tinham uma certa visão política de uma coisa, e tinham, obtinham recurso pra coisa, compravam.... a coisa. Ah, ah, mas isso é outro departamento.

JR: De forma geral, sobre os resultados alcançados na sua gestão, pode falar?

AFP: Poxa, teve um, um vamos dizer assim, um demonstrativo de prestígio, porque o Philadelpho foi a única escola do Brasil que foi convidada e, nós estivemos lá, eu e o Cecconi, no Simpósio Internacional de Ensino, de Ensino.... como é que ele chamava? Não é Ensino Técnico, é Ensino de Formação Profissional, realizados pela Honda, no Rio de Janeiro, isso deve ter sido em 80, por aí. E nós, eu e o Cecconi estivemos nesse Simpósio, lá no Rio. Só do Brasil tinha o Senai e o Senac, claro são institucionais, essa Escola Técnica de São José dos Campos e nós. A escola era boa, com todas as dificuldades, eu não sei de que maneira chegou num certo prestígio que a Honda nos convidou. Isso é uma das coisas, assim que, eu acho que foi produto não vamos dizer, da minha estada, mas da equipe que, da seriedade da equipe da escola. Não sei mais de algum evento assim, mas esse que vez foi marcante, né? Não sei se você tinha informação.

JR: Não, esse não. É Honda?

AFP: É a Honda.

JR: Ah! Honda.

JR: Deixe sua mensagem para comunidade escolar.

AFP: O Philadelpho na minha época, e, naquela época, são responsáveis pelo próprio prestígio da escola, os alunos, porque nós tivemos em mais de dez anos sem uma carteira sequer quebrada, é um negócio, aliás teve uma sim, teve um aluno que pesava mais de 180 quilos e quebrou uma carteira. Mas então, a mensagem que eu desejo fixar nesse momento é de esperança na juventude, e dizer ao jovem que eles estão certos, é seguir em frente. Os ideais da juventude são ímpares, e nós os mais antigos é que brecamos e manietamos muita coisa dos próprios jovens. E acredito não na euforia da formação técnico, mas da formação técnico humanística muito presente, porque o humanismo faz do indivíduo um cidadão, e a técnica faz, mantém ele nessa posição de cidadão. E de qualquer forma desejo ao Philadelpho de onde eu guardo muitas experiências, muitas lembranças, positivas, as..., os percalços fazem parte da nossa, da nossa trajetória. Muito obrigado, e até sempre.

JR: Eu que agradeço, uma satisfação entrevistá-lo. Muito importante para história da Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Obrigada.

AFP: Obrigado.

Descritores

Ensino Técnico Profissionalizante

Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971

Decreto nº. 7.400/1975, de 31 de dezembro de 1975

Centro Estadual Interescolar “Philadelpho Gouvêa Neto”

Construção do prédio escolar

Governo do Paulo Egydio Martins

Mudança para o prédio próprio

Curso Técnico em Telecomunicações

Curso Técnico em Eletromecânica

Desfile de 7 de setembro

Campanha do verde

Festa da Primavera

Gestão Escolar

Jurema Rodrigues

Armando Francisco Poles

Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Coordenadoria de Ensino Técnico

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Honda

ITA

Pedagogia

Dados Biográficos do Entrevistado



Armado Francisco Poles – Nasceu em 23 de setembro de 1933, em Taquaritinga/SP, é casado e tem quatro filhos. Fez Licenciatura Plena em Pedagogia e três do curso de Matemática, ambos pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (atual IBILCE/ UNESP/São José do Rio Preto). Em 1968, ingressou como Professor de

Matemática da E.E. “Conselheiro Rodrigues Alves”, em Macauba/SP. Em 1972, ingressou como Diretor de Escola do Instituto de Educação Nove de Julho, em Taquaritinga/SP, sendo transferido em 1976, como Diretor do Centro Estadual Interescolar "Philadelpho Gouvêa Netto". Em 1985, foi transferido por permuta para a E.E.P.G. - Escola Estadual de Primeiro Grau “Antônio Teixeira dos Santos”, em Zacarias/SP. Nos respectivos impedimentos de suas funções do cargo efetivo de Diretor de Escola da Secretaria Estadual de Educação, no período de 1982 a 1989, Armando Francisco Poles foi designado para a função de Assistente Técnico de Segundo Grau da Divisão Regional de Ensino de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, até outubro de 1989, quando se aposentou.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Jurema Rodrigues - Licenciada em Letras pela FARFI/SJRP (1984), e Licenciada em Pedagogia pela Associação Cultural de Barretos (1990), com Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pela USP/CENP (1991). Fez treinamento em Língua Portuguesa na UNESP (1993) e Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa pela UNESP/IBILCE (2005 a 2007). Especialização em Educação Básica no ISEB (2010) e Especialização em Educação Especial Inclusiva no ISEB (2011). Especialização em Língua Portuguesa/UNICAMP (2011). Professora na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1986 a 2011). Coordenadora Geral do CEFAM (1996 a 1997). Professora da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto/SP, desde 1996. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP/Centro Paula Souza)

Anexos (documentos sigilosos e não público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Armando Francisco Poles

Termo de Autorização para uso de Imagem de Armando Francisco Poles